

Citicorp diz que Brasil causa prejuízo

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — Numa nova onda de incerteza dos mercados financeiros diante das conseqüências da suspensão de pagamentos de juros adotada pelo Brasil no fim do mês passado, o maior credor privado do país no exterior teve que recorrer ontem a uma rápida operação de relações públicas para evitar que o valor de suas ações despencasse na Bolsa de Nova Iorque. Embora as ações do Citicorp tivessem começado caindo substancialmente, a operação montada pelo banco permitiu uma recuperação no fim do dia com perdas de apenas 3/4 de um por cento, por ação. A queda das ações, classificada como "temporária e mal-informada" por porta-vozes do Citicorp, revelou, contudo, as incertezas que ainda predominam nos mercados financeiros em virtude da falta de informações claras a respeito da política econômica do governo Sarney.

O choque foi causado por uma declaração do maior credor brasileiro, o Citicorp, ao fazer um registro junto à Sec, Securities and Exchange Commission, a equivalente à Comissão de Valores Mobiliários do Brasil. Segundo as leis americanas, sempre que uma empresa vai fazer um lançamento de títulos no mercado dos Estados Unidos, precisa registrar junto à Sec uma declaração sobre suas perspectivas econômicas a curto, médio e longo prazos.

Ao fazer uma nova emissão de ações preferenciais, o Citicorp afirmou numa declaração à Sec, na quarta-feira, que, em virtude da suspensão dos pagamentos de juros pelo governo brasileiro,

poderia ser forçado a lançar prejuízos de 50 milhões de dólares no fim do primeiro trimestre e, se essa suspensão de pagamentos persistisse até o fim do ano, 190 milhões de dólares de prejuízos referentes aos empréstimos ao Brasil. O Brasil, que deve 3,9 milhões de dólares ao Citicorp é o maior cliente desse que é, por sua vez, o maior banco dos Estados Unidos.

William Kaplowid Citicorp, disse ao JORNAL DO BRASIL que a declaração registrada junto à Securities and Exchange Commission é requerida por lei e de forma alguma significa que o banco esteja pensando que os 4,9 bilhões de dólares de empréstimos que concedeu ao Brasil terão que ser lançados como prejuízos pelo Banco.

— Pelo contrário, temos grande confiança no futuro econômico do Brasil a longo prazo — disse. Kaplowitz acrescentou, contudo, que a suspensão de pagamentos tem implicações a curto prazo que precisam ser levadas em conta pela direção do banco. Na avaliação da administração do Citicorp, afirmou ainda, a suspensão de pagamentos de juros poderá persistir enquanto durarem as negociações sobre reescalonamento da dívida brasileira. Tendo em vista o fato de que o governo Sarney não disse claramente quando deseja iniciar essas negociações, a possibilidade de prejuízos para todos os bancos credores do Brasil, pelo menos a curto prazo, é muito real.

Na essência, afirmam porta-vozes de outros bancos, o curto distúrbio nos mercados financeiros registrado principalmente em Nova Iorque ontem é uma conseqüência previsível da medida

anunciada pelo presidente Sarney no ano passado. Ela apenas teria sido precipitada pelo lançamento de ações decidida pelo Citicorp nesta semana. Se outros grandes bancos americanos tiverem que lançar ações no mercado, precisarão fazer o mesmo tipo de declaração. De qualquer forma, se no fim deste primeiro trimestre o Brasil não tiver reiniciado os pagamentos de juros de sua dívida, obrigatoriamente os bancos americanos terão que lançar os juros vencidos e não recebidos do Brasil neste primeiro subperíodo fiscal como prejuízos, mesmo que isso seja apenas uma medida intencional.

Funcionários de bancos estrangeiros credores do Brasil continuaram demonstrando otimismo em relação às medidas tomadas pelo governo brasileiro nos últimos dias ou prometidas a curto prazo que tenderão a reduzir os déficits governamentais e, assim, diminuir as pressões inflacionárias. Esses funcionários acrescentaram que essas medidas são necessárias para que o Brasil abra as negociações sobre reescalonamento de sua dívida externa com os credores estrangeiros. Um deles acrescentou:

— O nervosismo que verificamos nos últimos dias não pode ser bom a longo prazo para o crédito externo do Brasil. Todos sabemos disso. Nós que financiamos o país poderemos sofrer tanto quanto o próprio Brasil em virtude da demora na definição da política econômica. Seria muito bom para todos que o governo conseguisse o consenso político necessário para negociar logo e resolver esse problema, eliminando as incertezas que sua existência está causando tanto interna quanto externamente.